

A escola é uma das instâncias sociais em que se produz e se mantém a heteronormatividade, ou seja, a heterossexualidade como a única forma natural e normal de expressão da sexualidade, conforme discutida por Judith Butler. A partir de dispositivos que definem e regulam o que é permitido, temos a exclusão daqueles alunos e alunas que, de uma maneira ou de outra, não se enquadram nesta norma. Estes estão sujeitos a tratamentos preconceituosos como constrangimentos, xingamentos, ameaças e agressões físicas e verbais. Este trabalho se propõe a pensar como se apresentam essas questões em sala de aula, utilizando como suporte a teoria de Michel Foucault. Esta pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública estadual onde uma denúncia de homofobia instituiu um Termo de Ajustamento aplicado pelo Ministério Público. Em decorrência do inquérito, a escola se comprometeu a abordar o tema da diversidade sexual e homofobia nas aulas, pelos professores, para o conjunto de alunos e funcionários. Para tal análise, dispõe-se do método da observação participante, realizada durante quatro períodos em aulas de Ética de uma turma do segundo ano do Ensino Médio. A aula era estruturada em apresentações de grupos abordando temas escolhidos pelos jovens. Os resultados iniciais apontam que a questão da homofobia, da sexualidade e de gênero está presente no discurso e nas ações de maneira frequente, principalmente pela via da brincadeira e da piada. Tem-se que o sexismo é intrínseco à homofobia, propiciados por uma visão misógena, ou seja, inferiorização do feminino. Os alunos que correspondem ao ideal de “homem branco e heterossexual” estão em posição privilegiada na sala de aula.